Os superdotados

TAUNAY DRUMMOND COELHO REIS *

A maior riqueza de um país é seu povo, e os superdotados constituem a parcela mais preciosa dessa riqueza.

Quanto mais cedo (idade e data) forem identificados, apoiados, preparados e aproveitados, melhor para eles e para a coletividade.

Platão, há mais de 2.000 anos, e Fichte, há 150, já preconizavam a educação especial para os superdotados (SD).

Binet, Stern, Hollingworth, Terman e outros, no primeiro quarto do século, contribuíram de maneira fecunda para o conhecimento do assunto.

No Brasil, desde a década de 20, em Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Niterói, Rio de Janeiro e outras cidades, patrícios ilustres conheciam praticamente tudo que ainda hoje prevalece e tratavam do assunto com discernimento e competência. Entre nossos precursores, encontramos Leoni Kaseff, Estevão Pinto, Lourenço Filho e Helena Antipoff. Seus seguidores vêm, através dos

* Do Programa Nacional de Teleducação – Prontel.

anos, acompanhando o problema. Nós mesmos tivemos nossa atenção e nosso interesse despertados para os superdotados, em 1958, pelos professores e alunos do Curso de Classificação de Pessoal, hoje incorporado ao Centro de Estudos de Pessoal do Leme, com o nome de Curso de Psicotécnica Militar.

Os países desenvolvidos, possuindo estruturas de escolas de 1.º grau que atendem à grande maioria da população infantil, normalmente têm menos dificuldade em identificar cedo os superdotados e, subseqüentemente, assegurar apoio para que não permaneçam analfabetos nem cheguem tarde às escolas, ou delas se afastem prematuramente.

Identificados, apoiados e preparados na época conveniente, seu aproveitamento, além de ocorrer com mais freqüência, fecunda, por muito mais tempo, as faixas superiores das estruturas hierárquicas, suprindo-as de pessoal da melhor qualidade. A nosso ver, essa situação tem contribuído poderosamente não só para gerar, como também para aprimorar o desenvolvimento.

Há bons exemplos de tratamento adequado da questão, entre outros, na Suíça, Bélgica, Alemanha, França, Rússia e Estados Unidos. O Prof. J. Camarinha Nascimento destaca a Grã-Bretanha e o Japão como modelos.

Os países em desenvolvimento, por várias razões, têm-se visto na contingência de ter gênios analfabetos ou com pouca escolaridade. No Brasil, isso ocorre e explica o fato de testes para seleção de pessoal identificarem, freqüentemente, candidatos a funções modestas com elevado QI e nenhuma ou pouca escola. Se dispuséssemos de uma estrutura escolar maior e melhor, esses elementos estariam, provavelmente, se candidatando a funções de direção.

A ampliação e a elevação da qualidade da rede escolar – numa medida que permita atender, satisfatoriamente, à grande maioria da nossa população – necessitam, além de recursos humanos e materiais, também de tempo. Não obstante, nossa situação tem melhorado e tende a melhorar mais.

Os países que estão desperdiçando gênios precisam ampliar a identificação, o apoio, a preparação e o aproveitamento de seus superdotados com plena consciência de que é importante encontrá-los, o mais cedo possível.

Como nação em desenvolvimento, precisamos assegurar o atendimento mínimo e, sempre que possível, o adequado. Para isso, devemos tomar medidas no sentido de que:

a) desde já, os SD das regiões mais desprovidas e/ou famílias mais pobres, pelo menos, freqüentem escolas;
b) o quanto antes, onde for possível, seja ministrada, aos SD, educação especial adequada.

No Brasil, autoridades, grupos e pessoas já acumularam, a respeito da problemática dos superdotados, conhecimentos e experiência que precisam ser amplamente compartilhados, a fim de que se possa ajudar os responsáveis a mobilizar, coordenar e conduzir, operacionalmente, as ações nas abrangências, proporções e prazos devidos.

Entre os estudiosos há notável concordância com relação à grande maioria das parcelas que compõem o mosaico do problema dos SD. Em decorrência, somos de parecer que nós, os interessados, devemos particularmente na fase em que estamos vivendo concentrar nossos esforços em desenvolver os setores sobre os quais há coincidência de pontos de vista.

É possível iniciar logo, mesmo com recursos modestos, um programa que tenha por objetivo a solução do problema. Basta que – na medida das disponibilidades de meios – os superdotados sejam atendidos da direita para a esquerda da sua curva de distribuição.

Em face do exposto, somos levados a concluir pela conveniência da tomada de medidas de caráter público e privado, que nos permitam ampliar substancialmente o aproveitamento de nossos superdotados, em benefício deles e do País.

É oportuno registrar que o conceito inclui superdotados em qualidades morais, afetividade, equilíbrio emocional, talentos artísticos, possibilidades físicas, coeficiente intelectual e outros. Infelizmente, nem todos esses dotes podem ser tão facilmente identificados e avaliados quanto os dois últimos citados.

Considerando o exposto, relacionaremos algumas medidas que, somadas a outras, poderão contribuir para a solução do problema.

1. Dar o melhor atendimento possível à educação especial dos SD, inclusive, e principalmente, ministrando-a de acordo com a filosofia da parábola dos talentos e com os princípios sintetizados na frase de Stern: "Gaben sind aufgaben" ("Dons representam missões").

2. Ampliar, no MEC e através dele, a coordenação federal das ações relativas, fortalecendo as organizações que já tratam do assunto e encorajando as Secretarias Estaduais de Educação a ampliarem ou criarem a coordenação e a execução de trabalhos semelhantes, nos respectivos estados. Tudo num ritmo compatível com a urgência e numa medida proporcional à importância da questão.

3. Sensibilizar as comunidades, assim como as redes escolares, inclusive municipais e particulares, em todos os graus, a se empenharem em participar concretamente dos trabalhos.

4. Divulgar o propósito de intensificar, a níveis federal, estadual e municipal, identificação, apoio, preparação e aproveitamento dos superdotados informando que, para isso, se precisa contar com a colaboração de todos os escalões hierárquicos, entidades e pessoas.

5. Estabelecer prazos para atingir objetivos numericamente definidos, como por exemplo:

a) percentagem da população a ser pesquisada, por faixa etária, visando à identificação dos SD para freqüentarem escolas e/ou receberem educação especial;
b) percentil acima do qual os SD de determinada unidade da federação, município ou comunidade serão apoiados e preparados.

6. Buscar a participação das entidades que já venham fazendo ou possam vir a fazer testagens em grande escala, como por exemplo: Forças Armadas, Mobral, Senai, Senac etc.

7. Intensificar o aproveitamento das preciosas potencialidades do ISOP, dos Conselhos Nacional e Regionais de Psicologia, dos estabelecimentos de ensino superior e das associações de psicólogos.

8. Publicar trabalhos sobre superdotados.

9. Reimprimir os bons livros já esgotados.

10. Traduzir e publicar livros estrangeiros selecionados.

11. Pesquisar novos instrumentos, bons e de fácil aplicação, para identificação dos superdotados.

Finalizando, sugerimos que seja dada a maior divulgação possível às informações relativas aos SD, para que se possa antecipar a hora em que a questão venha a receber, entre nós, tratamento compatível com a sua importância e urgência.

